

CANTOS DO ROSÁRIO

INVENTÁRIO DIGITAL DAS CELEBRAÇÕES RELIGIOSAS DE ROSÁRIO OESTE

Os comuns

Cadernos Temáticos 3

Marcia Alves Soares da Silva
Zuleika Alves de Arruda





Este caderno temático faz parte do material produzido no âmbito do Projeto “Inventário digital das celebrações religiosas de Rosário Oeste - MT”, sob coordenação da pesquisadora Zuleika Arruda e com apoio da SECEL - MT.

As práticas nos territórios são sustentadas pelo cuidado, mas também pela força do interesse comum. o cuidado nasce e se fortalece nas práticas do Comum e noção de comunidade ganha ainda mais potência no cotidiano.

A partir da comunalidade, as comunidades constroem fortes vínculos entre as pessoas, os tempos, as memórias e os lugares e as práticas culturais. O saber que brota ancestralmente no chão dos territórios comunitários, é terreno fértil para entender que do Comum, o cuidado ganha importância e se reverbera.

Este material é uma forma de revelar que há um interesse comum entre os saberes acadêmicos e saberes comunitários, de um povo que celebra sua existência por meio da fé.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a todas as comunidades que nos apoiaram e compartilharam seus saberes e conhecimentos ancestrais.

Agradecemos as agências de fomento pelo apoio e valorização da produção científica e cultural sobre práticas cotidianas.





“Redes de cuidado são sobre isso, são um tecido invisível e subterrâneo, que sustenta a existência, qualifica o caminhar e mantém, historicamente, a vida vivível. Adjetivam algo que acontece sempre em coletivo. Tem dedicação, tem vínculo, tem solidariedade, tem cooperação, tem ancestralidade, tem escuta, tem apalavramento. São tecidas nas entrelinhas e despertam nossa história, nosso corpo, nossa luta, nos dizem sobre quem somos, de onde viemos e sobre a força que temos. Elas estão implícitas no modo comunitário de recriar a economia, compreender a natureza, de mover a comunicação, a política e as tecnologias, entre outros”.

Coletivo Etinerâncias (Raissa Capasso, Débora Del Guerra e Gabriel Kieling)

Apresentação



Este caderno temático reúne reflexões sobre os Comuns e a comunalidade a partir das festas religiosas de Rosário Oeste, práticas que integram o cotidiano das comunidades da Baixada Cuiabana. As chamadas “festas de santo” revelam formas de viver, sentir e organizar o território, pois articulam devoção, trabalho, sociabilidade e memória coletiva. Cada celebração mobiliza redes de apoio e colaboração que expressam a maneira como grupos cuidam de si, dos outros e dos espaços que habitam.

Ao abordar essas manifestações sob a perspectiva do comum, este caderno destaca que essas práticas permanecem vivas porque são de interesse comum das comunidades. Festas como as de Nossa Senhora da Guia e Sant’Ana, São Benedito e São Pedro evidenciam relações profundas com o território vivido, com o rio e com as identidades locais, mostrando que o comum possibilita a reexistência dessas manifestação ao longo de gerações.

O inventário digital proposto pela pesquisa, inspirado no INRC, reforça esse entendimento ao registrar saberes, fazeres, agentes sociais e microterritórios. Organizar essas informações em uma plataforma acessível contribui para fortalecer a memória, ampliar a visibilidade das práticas culturais e apoiar políticas de salvaguarda.

Assim, este caderno temático apresenta as festas de santo não apenas como expressões religiosas, mas como práticas do Comum que estruturam vínculos comunitários, preservam identidades e mantêm vivas as tradições que compõem a cultura rosariense.

O comum



Como abordamos em nosso Caderno Temático 1, o cuidado materializa e sustenta as práticas das comunidades em função da experiência do Comum. O direito de cuidar e ser cuidado também é um caminho para compreender o conceito do Comum.

No contexto das comunidades que temos dialogando, o Comum nasce dos processos de autogestão, centrados por e a partir das práticas realizadas por esses grupos sociais, partindo da premissa que a prática em Comum, em torno da fé, é que mantém a comunidade fortalecida, sendo também uma dinâmica social e política e de re-existência.

Assim, o Comum, nesse contexto, também é uma prática de governança e um produto social, que depende da comunidade, sendo indissociáveis as práticas de cuidado que intermedeiam as relações entre as pessoas e os bens comuns (materiais e imateriais) (Guarita e Guzzo, 2024)

Por esse caminho, podemos pensar o cuidado como parte da construção do comum (Guarita e Guzzo, 2024). Para as autoras, o cuidado pavimenta às práticas do Comum, materializando e corporificando tais práticas, sendo algo vivo, em movimento e que preenche o “entres” (das relações): “cuidado corporificado como uma prática coletiva de escuta, troca, redes, gesto menor e presença” (Guarita e Guzzo, 2024, p. 1). Assim, o cuidado e o cuidar são elementos vitais para a sustentação da vida coletiva, como um processo contínuo de socialização e prática pessoal coletivamente construída.

O comum é entendido pelas autoras como o que existe “entre” os membros de uma comunidade, os recursos utilizados por ela e os protocolos de governança desses recursos, surgindo também como uma alternativa possível para novos caminhos. Assim, como produto social e político de governança, o comum é indissociável da prática do cuidado, que permeiam as relações que sustentem o interesse pelo comum, sendo também a busca por formas de vida mais justas, partilhadas e colaborativas. Assim, o “direito de nos cuidarmos e de recebermos cuidado nos espaços organizados é também um passo importante para a expansão do conceito e de práticas mais abrangentes do Comum” (Guarita e Guzzo, 2024, p. 3).

O comum, aqui, não é apenas um recurso compartilhado, mas um conjunto de práticas sociais e materiais orientadas para a continuidade da vida e das experiências de fé que atravessam as diferentes gerações.



Quando falamos sobre o cuidado e as práticas do Comum como fundamentais para a re-existência de comunidades e coletivas se dá pela força que tais práticas possibilitam às comunidades recriar seus mundos materiais e simbólicos e a partir daí enfrentar as desigualdades, a marginalização, a discriminação e a racialização (Coletivo Etinerâncias, 2021).



Os comuneiros



A noção de comuneiro, de acordo com Savazoni (2023) ajuda a compreender o comum como algo que se faz na prática, no cotidiano, e não apenas como um conceito abstrato ou um modelo institucional.

Comuneiros são pessoas que operam o comum, isto é, pensam, inventam e sustentam práticas voltadas à preservação da vida e dos bens compartilhados, guiadas por princípios como autonomia, distribuição equitativa do poder, responsabilidade coletiva e protagonismo comunitário na resolução dos desafios do presente.

Mesmo que o termo “comuneiro” não seja amplamente reivindicado no Brasil, ele se mostra útil para reunir experiências diversas que, em diferentes contextos, criam alternativas reais ao modelo capitalista dominante. Essas experiências estão presentes em aldeias indígenas, quilombos, movimentos sociais urbanos e rurais, coletivos feministas e LGBTQIA+, espaços autônomos, ecovilas, periferias urbanas, ambientes acadêmicos e fora deles, conectadas menos por um lugar específico e mais por uma ética compartilhada.

O que singulariza os comuneiros é o agir sentipensante, que articula razão e emoção, corpo e afeto. Não se trata apenas de decisões racionais ou estratégicas, mas de escolhas profundamente afetivas, tomadas por sujeitos que pensam, sentem e se relacionam a partir dos contextos sociais e ambientais em que vivem. Nesse sentido, o comum não é apenas um sistema eficiente de autogoverno, mas um espaço de encontro afetivo, onde se produzem vínculos, solidariedades e novas formas de subjetividade.

Os comuneiros não buscam apenas a extração eficiente de recursos, mas a construção de relações de cuidado e reciprocidade com o ambiente e com as múltiplas formas de vida que o compõem. Essa perspectiva rompe com a ideia do sujeito isolado e utilitarista, aproximando-se da compreensão do comum como um campo de relações entre humanos e não humanos, no qual os afetos têm papel central na gestão coletiva dos bens e na sustentação da vida.

Assim, o comum aparece como prática, como relação e como horizonte ético. Ele é feito e reinventado continuamente por sujeitos diversos que, movidos pela solidariedade, pelo afeto e pela esperança, tecem redes de proteção e cuidado, afirmando o comum como base para a produção de mundos mais justos e sustentáveis.



Comuns e o afeto



De acordo com a autora Singh (2017) o conceito de comum é um processo relacional, afetivo e ético, construído no cotidiano das interações entre pessoas, territórios e experiências mais-que-humanas, incluindo aqui, a experiência de fé. As práticas comunais são parte de dinâmicas vivas de convivência, cuidado e corresponsabilidade.

Os comuns são espaços de encontros socionaturais afetivos, nos quais se produzem vínculos, sentimentos de pertencimento e formas coletivas de existir. Nessas experiências, o cuidado ocupa um lugar central: cuidar das histórias, das memórias, das lembranças ou de outros bens compartilhados significa também cuidar das relações sociais e das condições que sustentam a vida em comum.

Essas práticas cotidianas fortalecem laços afetivos entre as pessoas e o território, e produzem um modo de “estar em comum”, no qual o comum é vivido como uma paisagem viva, carregada de significados, memórias e responsabilidades compartilhadas. Nesse sentido, o comum também é um espaço de formação de subjetividades, pois contribui para a construção de sujeitos menos individualizados e mais atentos à interdependência entre humanos e natureza.

Singh (2017) ao enfatizar os afetos, os comuns carregam um valor de encontro, baseado nas relações que se constroem a partir deles. Essa perspectiva abre caminhos para pensar o comum como base para modos de vida alternativos, sustentados pela ética do cuidado, pela cooperação e pela sensibilidade às diferenças humanas e mais-que-humanas. Assim, o comum, é simultaneamente espaço, relação e processo. Ele se constrói no fazer cotidiano, no cuidado compartilhado e na capacidade de “tornar-se com” os outros, humanos e não humanos, apontando para formas de organização social que desafiam a lógica individualista e mercantil da vida contemporânea.

Para Zambra (2023), cuidar é também uma forma de produzir o comum, pois cria e reforça relações de interdependência, cooperação e corresponsabilidade.

As celebrações religiosas envolvem toda a comunidade no antes, durante e depois das festas. As casas das famílias tornam-se um espaço comum para uma parte das celebrações, onde a vida íntima mistura-se com a vida pública em torno da fé.





Ao unir a ideia do cuidado e do comum, estamos falando de redes que se formam, com raízes fortes e permeáveis, que sustentam as práticas realizadas: redes-mulheres, redes-comunidades, redes-afetos, que continuamente reimaginam seus mundos, sua fé e seus símbolos ancestrais.

Uma atenção ao cuidado na organização das dinâmicas socioespaciais e na formação das paisagens de cuidado pode enriquecer a leitura sobre as políticas culturais, incorporando as subjetividades presentes nas práticas espaciais.

No contexto deste projeto, essa perspectiva amplia a compreensão das festas de santo de Rosário Oeste como práticas que moldam microterritórios de convivência, solidariedade e pertencimento. Ao registrar saberes, fazeres e redes comunitárias por meio do inventário digital, o projeto evidencia como essas celebrações constituem paisagens de cuidado que sustentam a vida cotidiana.

Essa abordagem oferece caminhos alternativos para repensar políticas culturais e urbanas, reconhecendo o papel central das comunidades, de seus vínculos e de suas práticas tradicionais na promoção de inclusão, bem-estar e continuidade das identidades locais.





Referências

CAPASSO, Raissa; GUERRA, Débora Del; KIELING, Gabriel.. Redes de cuidado – revoluções invisíveis por uma vida vivível. São Paulo: Fundação Rosa Luxemburgo, 2021.

GUARITA, Marília Reis; GUZZO, Marina Souza Lobo. Práticas de cuidado para a construção do Comum. Saúde Soc. São Paulo, v.33, n.2, 2024, p. 1-15.

SAVAZONI, Rodrigo Tarchiani. O comum na encruzilhada: cartografia de um laboratório cidadão. 2023. Tese (Doutorado em Ciências Humanas e Sociais) – Universidade Federal do ABC, Programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas e Sociais, São Bernardo do Campo, 2023.

SINGH, Neera. Becoming a commoner: the commons as sites for affective socio-nature encounters and co-becomings. Ephemera: Theory & Politics in Organization, London, v. 17, n. 4, p. 751–776, 2017.

ZAMBRA, Andrea. El cuidado y lo común: reflexiones sobre el sostenimiento cooperativo de la vida desde y más allá de lo humano. Revista Pensamiento y Acción Interdisciplinaria, v. 9, n. 2, p. 56–71, 2023.
